

Ensino Privado: Profissionalismo e Empregabilidade

—Roteiro de Reflexão—

Celso dos Santos Vasconcellos¹

A segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, a que se funda na sua competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência. O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. (...) A incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor. (Freire, 1997: 102-103)

I—Introdução

1—Contexto

Não podemos falar do professor sem considerar o complexo e contraditório contexto concreto em que está inserido. Muito sinteticamente:

Avanço na Conquista de Direitos Sociais → Pressão Popular por Escola → Mais Escolas Públicas + Mesmos Recursos → Queda na Condição de Trabalho do Professor → Reflexo para as Escolas Particulares (falta de oferta de melhores salários permite achatamento) → Desinteresse pela Profissão → Perda de Talentos + Falta de Opção Radical pelo Magistério + Falta de Valorização das Licenciaturas pela Universidade → Formação ainda mais deficitária dos Professores → Inserção Ingênua e Desqualificada na Profissão + Aluno Desorientado (Crise Social e Familiar) → Emergência dos “Pontos de Apoio” (especialistas, livros didáticos, apostilas padronizadas) → Manutenção do Currículo Disciplinar Instrucionista → Escola não dá conta das Expectativas Sociais → Desvalorização Social da Escola e do Professor (“Já não se fazem professores como antigamente...”) → O próprio professor incorpora a desvalia (“Não me seqüestre, sou professor”; “Hei de vencer, mesmo sendo professor”)

No imaginário social manifesta-se a ambigüidade: a profissão docente é uma das mais valorizadas nas pesquisas de opinião, porém os pesquisados não querem que seus filhos sejam professores... (aliás, grande parte dos docentes também não).

Muitos educadores que atuam em escola pública acham que a realidade da escola privada é tranqüila. Não é bem assim. Podemos citar alguns desafios do professor na rede particular: classes lotadas (para diminuir valor das mensalidades ou para aumentar lucro), pressão dos pais, forma de tratamento do aluno (como se professor fosse mais um empregado doméstico), agressão, falta de apoio às inovações por parte da direção (que tem medo de perder o *cliente*), falta de reunião pedagógica semanal (em função dos custos ou do receio que professores se organizem), não participação na definição do Projeto Político-Pedagógico, medo de perder o emprego (seja pela diminuição da clientela, pela substituição pela Educação a Distância, seja por ‘incompatibilidade’ com o proprietário), hipocrisia entre colegas (corrosão do caráter na lógica hipercompetitiva), ingerência da direção na avaliação dos alunos, pressão para fazer concessões e exercer atividades sem remuneração para agradar a clientela, assédio moral.

2—Empregabilidade

¹.Doutor em Educação pela USP, Mestre em História e Filosofia da Educação pela PUC/SP, Pedagogo, Filósofo, responsável pelo *Libertad* - Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica. Endereço eletrônico: celsovasconcellos@uol.com.br www.celsovasconcellos.com.br

Empregabilidade é a “qualidade do que ou de quem é empregável; corresponde à possibilidade de ser empregado”. Envolve: idade, sexo, experiência prévia, rede de relações sociais, origem social, concepções, valores, aspirações, trajetórias de vida, etc.

■Perspectiva Neoliberal: estratégia de culpabilização do trabalhador pelo desemprego estrutural, decorrente da lógica de concentração de renda aliada aos avanços tecnológicos (informática, automação flexível, robótica, telemática);

■Perspectiva do Trabalhador: não perder o *bonde da história*, ser um profissional contemporâneo, ser capaz de dar conta dos desafios atuais.

3—O que é preciso para fortalecer uma Profissão

O fortalecimento de qualquer profissional tem como base, evidentemente, a necessidade social da atividade. Assim, por exemplo, por mais interessante e romântico que consideremos a profissão de acendedor de lampiões (ou dos bicos de gás) dos postes das ruas ou de ascensorista, são atividades das quais hoje praticamente já não se precisa mais.

Para que se tenha reconhecimento social e condições adequadas de trabalho, é preciso:

Necessidade Social da Atividade

Parece claro que há uma grande demanda de professores. Tal clareza se perde, no entanto, quando procuramos entender melhor a demanda: trata-se da necessidade de se ter um autêntico professor, ou de alguém para tomar conta dos filhos enquanto os pais têm de trabalhar (ou cuidar de seus interesses, sobretudo entre os pais de camadas mais abastadas)? Tal questionamento nos remete à própria definição da atividade docente.

Definição da Atividade

Àfinal, o que é ser professor?

Transmitir um saber?

Deixar que o aluno aprenda?

Educar o aluno, independente dos saberes?

Cuidar para que o aluno aprenda?

Formação

Temos questionamentos muito sérios aqui, como veremos mais à frente.

Estatuto Legal

Como anda nosso estatuto legal? Por que é tão fácil profissionais de outras áreas obterem autorização para dar aulas? Por que é tão fácil quem ainda está estudando assumir aulas?

Código de Ética

Ainda não temos um Código de Ética. Uma explicação que se tem para isto é que a profissão docente foi por muito tempo pautada no código de ética definido, num primeiro momento, pela Igreja e, depois, pelo Estado.

Organização da Categoria

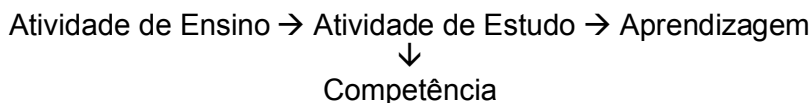
Até que ponto temos uma categoria organizada, unida, articulada? Por muito tempo, os professores não se viam como trabalhadores, como empregados, mas como profissionais liberais. Em que medida os professores se reconhecem nos sindicatos? Em que medida os sindicatos estão afinados com o conjunto das necessidades dos professores?

4—Papel do Professor

Entendemos que o grande papel da escola, do professor é:

Educação (=Humanização) através do Ensino

Ensino não é mera transmissão. A atividade de ensino (que envolve: sensibilidade, finalidade, realidade, plano de ação, ação e avaliação) é aquela que propicia a atividade de estudo, que por sua vez, leva à aprendizagem



5—Competência do Professor

Inata

X

Adquirida

↓

Formação

1) Inicial

● Bancos Escolares

● Academia

2) Continuada

● Cursos/Eventos/Especialização/Pós-Graduação

● Trabalho Coletivo Constante na Escola (Reunião Pedagógica Semanal)

II—Formação Docente

Quais os grandes campos de Saberes Conceituais necessários ao Professor?

Saberes da Área de Conhecimento

Saberes de Cultura Geral

Saberes Pedagógicos

↳ Os Saberes Pedagógicos são os específicos da Profissão Docente. O fato de o sujeito dominar muito bem determinada área de conhecimento e de ter uma boa cultura geral faz dele um bom profissional, mas não um professor. Os saberes pedagógicos não negam os outros, porém são os que nos qualificam como professores, como profissionais da educação.

1—Formação Docente: Constatações Preocupantes

1º) A formação oferecida ao futuro professor é muito frágil. Basta comparar com a formação dada aos engenheiros, psicólogos ou médicos. Acaso nossa profissão seria menos complexa do que estas? Ser professor, no autêntico sentido, é uma das atividades mais complexas do ser humano.

2º) Professor em formação aceita isto.

Considerando que por detrás de toda prática, sempre há uma teoria, qual o pressuposto da aceitação da frágil formação disponibilizada?

O futuro professor considera que atividade docente não é tão complexa assim (“Para falar a verdade, é trivial: é chegar lá na frente e discorrer com segurança sobre um assunto”).

Considera que tem ou terá a formação adequada

■ Porque foi se qualificar (isto de fato pode acontecer, mas será que é o que acontece com a maioria dos docentes? Muitos docentes consideram-se “prontos” com o certificado que tiveram da universidade, além de menosprezarem os espaços de formação continuada)

■ Por “intuição” (de fato, a intuição é uma forma de conhecimento que não passa necessariamente pelas etapas de síntese-análise-síntese; mas devemos reconhecer que sua ocorrência não é tão comum)

■ Por experiência (a reflexão crítica —e coletiva— sobre a prática é um excelente caminho de formação. Indagamos, no entanto: será que é uma prática refletida com a qual de fato se pode aprender ou, como diz a profa. Thereza Penna Firme, trata-se de um primeiro ano de experiência e dos demais como repetição?)

■ Por “osmose”: o entendimento por parte do futuro professor de que tem a formação adequada (chegando a considerar que qualquer outra formação é desnecessária) por sua convivência desde cedo com ela é muito forte. Este é um dos pressupostos mais presentes: o professor acha que aprendeu a ser professor por estar na escola desde criança. Esta é uma especificidade do magistério que pode complicar muito o processo de qualificação profissional, uma vez que não só a formação docente se dá no mesmo campo da futura atuação profissional, só que em posição contrária (a chamada simetria invertida: o futuro mestre ocupa agora o lugar de aluno), como também o sujeito tem uma longa vivência escolar em função de seus estudos na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Assim, quando tem contato pela primeira vez com a Ciência da Educação, o acadêmico já tem muitos de prática no campo, uma prática, de um modo geral, equivocada (como revelam diversos indicadores), mas, contraditoriamente, tomada como “certa”, uma vez que é forte a ideologia de que a “Escola sempre está certa” ou de que “O professor nunca erra”. Além disto, a prática equivocada da escola é justificada socialmente uma vez que se atribui a responsabilidade pela não-aprendizagem ao próprio aluno. Esta justificativa está tão arraigada que faz com que sejam desprezadas as evidências de práticas pedagógicas diferentes —que levam à efetiva aprendizagem— ou mesmo as constatações das neurociências —de que todo ser humano é capaz de aprender desde lhe sejam dadas as condições.

—Mas será que os fatos confirmam estes pressupostos de trivialidade ou de formação satisfatória?

Muito pelo contrário, inúmeros são os indicadores que apontam para:

- Baixo nível de aprendizagem
- Evasão
- Reprovação
- Queixa dos professores dos anos seguintes
- Queixa dos empresários em relação ao perfil dos egressos das universidades
- Pouco protagonismo dos alunos (ex.: participação em grupos de estudo, participação em ONG's, Movimentos Sociais, publicação em revistas especializadas, projetos de pesquisa, etc.)

[Ainda que considerando outros fatores]

Sem uma formação consciente e crítica do professor o ensino acontece? Acontece... Este é o problema: a educação pode ser mal feita! A atividade docente, da mais alta complexidade, é banalizada ao extremo no ensino blá-blá-blante, instrucionista, a um custo elevadíssimo: a não-aprendizagem do conjunto dos alunos.

2—Três Delicados Momentos Históricos na Formação Docente

a) Falta de Teoria Pedagógica

Uma das conseqüências do chamado Renascimento do Século XII é o aumento do número de escolas no Ocidente. Num movimento contínuo de crescimento, estas escolas serão a base da escola da modernidade. Muitos dos mestres das escolas elementares não tinham formação mais rigorosa. Porém, mesmo os que vinham da recém criada Universidade (séc. XII/XIII), tornam-se Mestres nas Artes Liberais através do estudo do *Trivium* (as três vias, o estudo da linguagem: Gramática, Retórica e Dialética) e do *Quadrivium* (as quatro vias, o estudo das coisas, as ciências: Aritmética, Geometria, Música e Astronomia), portanto, sem formação didática específica. Posteriormente, podiam tornar-se doutores cursando as faculdades superiores: Direito, Medicina ou Teologia.

No exame para a obtenção do título de Mestre ou de Doutor, em que se outorgava a *licentia*, o direito ao exercício do magistério, o verificado era o domínio dos saberes dos conteúdos da formação, e não os saberes sobre o ensino, e muito menos ainda a capacidade de o postulante propiciar a aprendizagem dos ouvintes. Das Artes Liberais, as que mais poderiam se aproximar de algum caráter pedagógico seriam a Retórica e a

Dialética. Porém, o caminho que trilhavam na universidade, coerente com a escolástica e sua metodologia do *disputatio*, estavam mais voltadas para a estética do que para a epistemologia ou heurística.

A obra de Comenius (1592-1670), *Didática Magna*, considerada uma das primeiras sistematizações científicas da *arte de ensinar*, é de meados do século XVII (várias elaborações entre 1621 e 1657). Antes, havia textos esparsos, desde as reflexões sobre educação de Platão, Aristóteles, até obras como *Institutio Oratori* de Quintiliano (35-95), *De Magistro* de Santo Agostinho (354-430), *Eruditio Didascalía* de Hugo de São Vitor (1096-1141), *De Magistro* de Santo Tomás (1225-1274), ou mesmo a contribuição de autores como Erasmo (1466-1536), Lutero (1483-1546), mas que tinham, de um modo geral, mais um caráter de orientação moral do que propriamente de reflexão sobre os fundamentos do ensino. Com *De Disciplinis* de Vives (1492-1540), com a *Ratio Studiorum* (1599) dos Jesuítas e com o *Memorial de Frankfurt* ou o *Aporiam Didactici Principio* de Ratke (1571-1635) já há uma maior sistematização e fundamentação do ensino, bem como uma aproximação da organização do cotidiano escolar (embora ainda se mantenha uma forte carga religiosa, sobretudo na *Ratio*). Portanto, como as produções sobre o ensino eram raras, pouco específicas e ainda de difícil circulação (a imprensa é só de meados do séc. XV), foram séculos de exercício do magistério sem uma fundamentação maior por falta da existência da mesma.

b) Não há interesse em formar bem o professor

Um segundo momento a ser destacado na formação do professor é o final do séc. XVIII e o início do séc. XIX, quando a burguesia oferece escola para o povo. Embora já se tivesse acumulado um significativo saber sobre a docência, não houve empenho em que o professor dele se apropriasse, uma vez que não havia interesse que a escola de fato ensinasse a todos. Não podemos esquecer que a burguesia, na sua fase revolucionária, tinha tido nas *luzes* um forte ponto de apoio, mas, uma vez no poder, já não se interessa por elas uma vez que seus objetivos com a escola agora são formar mão de obra para a indústria emergente e quadros para a gerência dos seus negócios e do Estado; mas para grande parte da população o que interessava mesmo era a função político-ideológica: controle de acesso às melhores oportunidades e inculcação por parte do aluno da culpa pelo fracasso.

c) O próprio professor não tem interesse

No final do séc. XX, e até o momento presente, há um enorme acúmulo no campo dos saberes pedagógicos (nunca se pesquisou, experimentou e publicou tanto como agora), todavia, além de continuar a falta de interesse das classes dirigentes no efetivo funcionamento das escolas (alguns poucos centros de excelência são suficientes para formar seus quadros), grande parte do magistério perdeu o interesse pela formação, em função do desmonte histórico a que foi submetido (Mal-Estar Docente, *Burnout* – síndrome de desistência). O professor acabou ficando no olho do furacão: de um lado, é afetado pela fragilização e aligeiramento na formação, perda do poder aquisitivo, queda do *status* profissional, crise de sentido e, de outro, pedem-lhe cada vez mais: da sexualidade ao trânsito, da preservação do meio ambiente às drogas. Diante de tantas exigências e tão poucas condições, sucumbe.

3—Perfil Desejado do Professor

A atividade docente, afinal, seria banal ou complexa? A título de ilustração, trazemos o levantamento quanto ao perfil desejado do professor, feito durante a construção do Projeto Político-Pedagógico de uma instituição de ensino:

a) Saberes Conceituais

- Desenvolvimento e Aprendizagem
- Sociedade e Cultura
- Finalidades da Educação
- Saberes do campo de Conhecimento
- Metodologia de Ensino

Também foram levantados alguns saberes necessários aos docentes, além dos especificamente pedagógicos:

- Epistemologia (Teoria do Conhecimento ou Gnosiologia) aplicada à Educação
- Raízes da Cultura Brasileira
- História da Infância e da Juventude
- Sociologia da Família
- Midiologia
- Teoria da Atividade Humana
- História da Profissão Docente
- Psicodrama
- Dança
- Desenvolvimento Moral
- Enfrentamento de Situações de Conflito
- Ludologia
- Elementos de Neurociência
- Gestão
- Saúde Vocal
- Antropologia
- Psicanálise e Educação
- Filosofia
- Problemas Teológicos do Homem Contemporâneo
- Estética Educativa
- Ética Educativa
- Deontologia (Ética Profissional)
- História
- Economia Política
- Lingüística
- Sociologia
- Psicologia Social
- Elementos de Fonoaudiologia
- Noções de Grego
- Noções de Latim
- Noções de Direito
- Alfabetização (*lato sensu*)

b) Saberes Procedimentais

- Trabalho com o Conhecimento
- Relacionamento Interpessoal
- Organização da Coletividade de sala de aula
- Enfrentamento de situações de conflito e dificuldades na aprendizagem

c) Saberes Atitudinais

- Goste de:
 - Criança/Gente
 - Aprender
 - Ensinar
 - Trabalhar em Grupo
- Curioso/Vivo/Alegre
- Pesquisador/Profundo
- Crítico/Criativo
- Humilde
- Solidário/Generoso
- Autônomo
- Verdadeiro
- Não legalista

- Enfrenta o poder opressor
- Acolhedor/Afetuosos
- Atento/Que cuida
- Firme/Determinado
- Posicionado/Vigoroso
- Sensível
- Interessado pela vida/destino dos alunos
- Alegra-se com crescimento do discípulo
- Inteiro em sala
- Apaixonado pelo que faz

4—A Formação do Professor em Questão

A questão básica da formação docente é sua fragilidade.

Há uma verdadeira armadilha para o professor: em função da formação frágil, não problematiza sua vivência escolar e nem a social, e não tem elementos para preparar um trabalho diferenciado em sala de aula. Por outro lado, as condições precárias de trabalho implicam na falta de tempo físico e psicológico para refletir criticamente sobre sua prática e sobre a realidade em geral. Muitas vezes, em função do limitado desempenho profissional, fica sem moral de questionar as condições lhes são oferecidas. Para sacralizar este estado de coisas, são disponibilizadas justificativas Ideológicas que dizem que o problema não é seu e sim do aluno...

A frágil formação tem repercussões nos mais diversos aspectos:

- Baixa aprendizagem dos alunos
- Pouca realização do professor
- Baixa auto-imagem do professor
- Medo de mudar, insegurança; apoio no legalismo
- Campo aberto para o palpite de todo mundo
- Modismos (ao contrário de áreas como Engenharia ou Medicina: cada novo mantenedor que chega não fica mandando alterar os procedimentos de trabalho, uma vez que estes estão pautados numa ciência, numa *episteme*)
- Invasão de outros profissionais no exercício do magistério
- Salários baixos ou aviltantes
- Precárias condições de trabalho
- Baixo reconhecimento Profissional

Como entender a formação frágil dos professores? Antes de tudo, não há interesse de muitos setores do:

- Sistema – a quem de fato interessa uma educação de qualidade democrática?
- Comunidade – os pais, de um modo geral, não têm noção do que é uma educação de qualidade
- Professorado

① Considera que ensinar é fácil, da ordem do banal

Acha que está numa situação transitória, que não vai ficar muito tempo na função, embora, normalmente, acabe se aposentando como professor... (falta de opção radical pelo magistério)

Estaríamos exagerando quando nos referimos ao desinteresse dos próprios professores pela formação? Vejamos alguns indícios:

a) Formação Inicial

- Futuro professor procura o curso mais curto
- Procura curso mais fácil
- Chega atrasado na aula; sai antes
- Pede para outro assinar lista de presença
- Cola nas avaliações e nos trabalhos
- Estágio: pede para só assinarem para ele

b) Formação Continuada

- Desprezo pela teoria

- Acha bobagem ter reuniões de formação
- Falta às reuniões
- Chega atrasado; sai antes das reuniões
- Não participa ativamente da reunião (nem para sugerir, nem para criticar)
- Fica conversando durante reunião
- Congresso/Seminários: quer só o certificado

Sabemos que na própria Universidade a formação do professor não é valorizada; parece que quem trabalha com a formação de professor tem um *status* menor, não é “cientista”, “pesquisador”.

III—Perspectivas de Superação

Liberdade ⇔ Motivação

Sensação de Falta de Liberdade → Impotência → Desânimo (*Mal-Estar Docente*)



Temos alguma Liberdade?

1—Zona de Autonomia Relativa

Os desafios da realidade são enormes. Todavia, na mesma realidade, existem instituições e educadores com práticas e resultados muito diferentes.



Autonomia Relativa

↳ Papel do Projeto/Professor

Limites Externos x Internos

Existem limites que estão dados por fatores naturais ou sociais. Podemos lembrar aqui de fatores como a formação inicial disponibilizada aos professores, o salário, o número de alunos em sala de aula, a legislação, as normas, etc. Evidentemente, de diferentes formas e medidas, estes limites podem ser quebrados e superados, correspondendo mesmo a um autêntico compromisso com a conquista de uma educação de qualidade social. Todavia, com muita freqüência, o limite que limita efetivamente a ação dos sujeitos e da instituição não é este externo, e sim um outro que tem a ver com a autolimitação e/ou com as contradições dos próprios sujeitos, individual ou coletivamente considerados.

Existem barreiras que não dependem daquilo que está fora do sujeito ou da instituição, que são resultados da postura pessoal do educador e/ou da cultura escolar, portanto, algo que não se pode atribuir estritamente a condicionamentos exteriores.

A autolimitação, o limite interno, no sentido que estamos aqui apontando, é um grande inibidor da ação, uma vez que impede o sujeito de transitar, pelos espaços de liberdade que tem, até a fronteira do limite externo dado, fronteira esta que também poderia ser rompida se o sujeito a ela chegasse. Como se autolimita antes, não faz contato com ela, impossibilitando sua superação.

Podemos apontar dois tipos de limite interno:

- **Projetado pelo Sujeito:** existem limites que são pura projeção do educador, que não têm base na realidade concreta.
- **Contradições do Sujeito (eu/outro):** são limites reais que, no entanto, têm sua origem nos próprios sujeitos da instituição.

2—Enfrentando Obstáculos Epistemológicos²

Argumento	Outra Visão
Fácil Acesso à Informação	Informação x Conhecimento
Defasagem do Saber Escolar	Conteúdos Alfabetizadores e Estruturantes

².Ver artigo na Revista Pátio citado na bibliografia

Ritmo Escola x Tecnologia	Ritmo Humano é outro
Falta de Aparato Tecnológico	Outras Necessidades
Poucas Horas na Escola	Por anos. Trabalho Intencional e Coletivo
Atrativos Fora da Escola	Gosto pela Escola x Aula
Quem aprende é o Aluno	Conhecimento Não-Espontâneo
Cada Aluno é cada Aluno	Diversidade ⇔ Igualdade
Estamos interferindo...	Nãointerferir é deixar o meio dirigir
Ser pai, mãe, psicólogo	Complexidade do Trabalho

3—Processo

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro a tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática. (Freire, 1991: 58)

—Perspectiva: superar Pensar Dicotômico

“Farol Alto e Farol Baixo”/“Floresta e Árvore”



Estrutura e Pessoa

- Mudanças de Fundo (primeiros passos são imediatos, mas é longa a caminhada)
- Mudanças Imediatas (o que podemos fazer já)

4—Exigências

a) Externas

- Mudança na Formação Inicial e na Formação Continuada
- Salário Digno: professor ter tempo e recursos para estudar, pesquisar, planejar, avaliar
- Concurso, Plano de Carreira
- Condições de Trabalho
 - Instalações, Equipamentos
 - Iluminação, Ventilação
 - Número de Alunos em Sala
 - Quadro Funcional Completo nas Escolas
 - Superação da Burocracia desnecessária
 - Respeito à Autonomia dos Projetos das Escolas
 - Participação dos Educadores na definição das Políticas Educacionais
- Organização da Categoria
- Compromisso com a Transformação Social: *Um Outro Mundo é Possível!*

b) Internas

- Projeto Político Pedagógico construído coletivamente (que inclua o perfil de professor desejado na instituição)
- Proposta Curricular → Clareza de Objetivos do Ciclo
- Formação Continuada na Escola
 - Reunião Pedagógica Semanal
 - Supervisão “Outra-Visão”
- Continuidade do Coletivo dos Educadores para criação de comunidade de aprendizagem entre os docentes
- Cuidar do Professor
- Professor se Cuidar

☐ Reinventar a Sala de Aula

—Autoformação

Reconhecer Saberes que temos

Reconhecer Saberes que não temos e que são necessários



- Estudo pessoal
- Prestar atenção nos alunos, aprender com eles
- Registrar, refletir sobre o registro e a prática, aprender com a reflexão sobre própria prática
- Partilha com colegas
- Grupo de Estudo
- Participar ativamente das reuniões pedagógicas semanais na instituição
- Aproveitar a mediação dos colegas e da supervisão
- Voltar a estudar formalmente (atenção: analisar bem a qualidade do curso que vai fazer!)

Quando nos referimos ao estudo, queremos deixar claro que se trata tanto de estudar Teorias quanto estudar Práticas que estão dando certo, que apontam na nova direção.

Eu tenho uma espécie de dever, de dever de sonhar
De sonhar sempre, pois sendo mais do que um espectador de mim mesmo,
Eu tenho que ter o melhor espetáculo que posso.
E assim me construo a ouro e sedas, em salas supostas,
Invento palco, cenário para viver o meu sonho entre luzes brandas
E músicas invisíveis. *Fernando Pessoa*

Bibliografia

- FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997
- VASCONCELLOS, Celso S. *Para onde vai o Professor? Resgate do Professor como Sujeito de Transformação*, 11ª ed. São Paulo: Libertad, 2006.
- _____. *O que é Necessário para que o Aluno Aprenda? (Re)Construindo a Competência de Quem Ensina*. São Paulo: Libertad, 2007.
- _____. *Currículo: A Atividade Humana como Princípio Educativo*. São Paulo: Libertad, 2007.
- _____. Competência Docente na Perspectiva de Paulo Freire. *Revista de Educação AEC*. Brasília: abril/junho de 2007 (n. 143).
- _____. É Possível Sair do Marasmo – entrevista. *A Revista do Educador Direcional*. São Paulo: junho de 2006 (n. 17).
- _____. Falsas Idéias e (Des)Estímulo aos Educadores. *Pátio Revista Pedagógica*. Porto Alegre: agosto/outubro de 2006 (n. 39).
- _____. O(a) Professor(a) mexe com o sentido da vida – entrevista. *Mundo Jovem*. Porto Alegre: outubro de 2005 (n. 361).
- _____. A transformação cabe ao Professor – entrevista. *Extra Classe*. Porto Alegre: maio de 2007 (n. 113).